



LUCIMAR DE ASSIS SILVA

**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E O IMPACTO NA SAÚDE
MENTAL DA PESSOA IDOSA**

CAÇAPAVA-SP

2025

LUCIMAR DE ASSIS SILVA

**RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E O IMPACTO NA SAÚDE
MENTAL DA PESSOA IDOSA**

Monografia apresentado como requisito
básico para a aprovação na Disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso, do
curso de Bacharel em Psicologia da
Faculdade Santo Antônio.

Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Ruth da
Luz Santos

CAÇAPAVA-SP

2025

RESUMO

SILVA, Lucimar de Assis. Relações intergeracionais e o impacto na saúde mental da pessoa idosa. 2025. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade Santo Antônio, Curso de Psicologia, Caçapava, 2025.

Este trabalho de Conclusão de curso, em Psicologia tem como objetivo conhecer como as relações intergeracionais interferem na saúde da pessoa idosa, demonstrando como são as integrações e relações entre gerações de realidades distintas levando em conta fatores desde pessoais como princípios, valores até fatores externos como convívio em sociedade e evolução tecnológica. A pesquisa baseia-se em revisão de literaturas associados a intergeracionalidade, além de teorias sociológicas e psicológicas relacionadas ao tema. Os resultados apontam para um crescimento acelerado da população idosa e dificuldade de adaptação das antigas e novas gerações. Conclui-se que a relação entre pais, filhos, avós e sociedade em altos níveis de solidariedade determinam um envelhecimento saudável para faixa etária acima de 60 anos, trazendo integração de gerações e compartilhando princípios de vida e troca de valores.

Palavras chave: Envelhecimento, Cuidado familiar, Intergeracionalidade.

ABSTRACT

SILVA, Lucimar de Assis. Relações intergeracionais e o impacto na saúde da pessoa idosa. 2025. 36 f. Final Project. Faculdade Santo Antônio, Curso de Psicologia, Caçapava, 2025.

This final project in psychology aims to understand how intergenerational relationships affect the health of older adults, demonstrating how generations with different realities integrate and relate to each other, taking into account factors ranging from personal ones, such as principles and values, to external ones, such as social interaction and technological evolution. The research is based on a review of literature associated with intergenerationality, as well as sociological and psychological theories related to the topic. The results point to rapid growth in the elderly population and difficulty in adaptation between older and younger generations. It is concluded that the relationship between parents, children, grandparents, and society at high levels of solidarity determines healthy aging for the over-60 age group, bringing integration between generations and sharing life principles and values.

Keywords: Aging, Family Care, Intergenerationality.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO.....	7
2 – ENVELHECIMENTO HUMANO E SAÚDE DA PESSOA IDOSA	9
2.1 - Envelhecimento biológico, psicológico e social	10
2.2 - Demografia e saúde do idoso	13
2.3 Envelhecimento saudável	16
3 – METODOLOGIA	17
4 – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS	17
4.1 Definições e tipos de relações.....	18
4.2 Teorias sociológicas e psicológicas relacionadas	19
4.3 Benefícios da intergeracionalidade.....	23
5 – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE DA PESSOA IDOSA.....	23
6 – ANÁLISES E DISCUSSÕES	26
7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

1 - INTRODUÇÃO

O envelhecimento é um processo natural e universal concorrente ao desenvolvimento, caracterizado por declínio fisiológico, o qual ocorre depois da maturação sexual e implica em diminuição gradual da probabilidade de sobrevivência do organismo. É também um processo sociológico, na medida em que cada sociedade estabelece a idade para o início da velhice, a qual marca a mudança em status e em papéis sociais e se relaciona com mudanças na identidade e na percepção da idade pelas pessoas.

A mudança rápida nos padrões de mortalidade, com o consequente aumento da expectativa de vida dos seres humanos não foi provocado por nenhuma mudança genética, mas por avanços sociais e científicos que provocaram grandes mudanças em hábitos de vida e nos cuidados à saúde de indivíduos e populações.

O aumento da expectativa de vida possibilitou a convivência e a co-residência entre diversas gerações e, apesar das significativas mudanças vivenciadas na família contemporânea, as relações familiares permanecem como importante suporte de apoio e solidariedade aos cuidados básicos, à saúde e ao bem-estar dos idosos (Rabelo, Neri; 2014).

O interesse em compreender como o ser humano muda ao longo da vida surgiu no final do século XIX e início do século XX. Inicialmente, o foco estava nas crianças, com estudos sobre crescimento, aprendizagem e comportamento; com o tempo, o estudo se expandiu para todas as fases da vida, infância, adolescência, idade adulta e velhice, o histórico psicossocial apresentado por Papalia e Olds (2000), mostra que o desenvolvimento humano é moldado pela interação entre fatores internos e externos, influenciado por família, cultura, sociedade e eventos históricos. Essa perspectiva fornece uma base para compreender mudanças ao longo de toda a vida e a importância das condições sociais no crescimento individual.

De acordo com Erikson (1998), a meia-idade é o período em que o indivíduo busca deixar um legado, contribuir para as próximas gerações e sentir que sua vida tem um propósito maior. A generatividade envolve cuidar, orientar, ensinar, apoiar e contribuir para o bem-estar das gerações futuras seja por meio da família, do trabalho, da comunidade ou da sociedade.

Segundo Papalia e Olds (2000), pessoas que desenvolvem a generatividade apresentam: maior satisfação com a vida, melhor saúde mental, mais engajamento social e maior capacidade de adaptação às mudanças.

Na vida adulta tardia, os aspectos psicossociais envolvem aceitar a própria história de vida, manter conexões sociais significativas, lidar com mudanças e perdas, e preservar o sentido de existência. A integridade do ego, segundo Erikson (1998), é a chave para um envelhecimento saudável, equilibrando passado, presente e futuro com sabedoria.

É comum que algumas pessoas enfrentem a necessidade de prestar cuidados a pais envelhecidos, o que pode gerar tanto aproximação afetiva quanto estresse emocional e sobrecarga. Essas experiências influenciam fortemente o bem-estar psicológico e a percepção de identidade familiar, no entanto as amizades se tornam mais seletivas e profundas.

Adultos valorizam qualidade em vez de quantidade de vínculos, amigos próximos funcionam como rede de apoio emocional e proteção contra o isolamento, o trabalho e as participações sociais são espaços importantes de conexão, identidade e realização. Muitos adultos se envolvem em atividades comunitárias, projetos sociais, igrejas ou voluntariado como formas de expressar generatividade e fortalecer vínculos sociais.

Na meia-idade, os relacionamentos assumem papel central na saúde emocional e no sentido de vida. O envolvimento com parceiros, filhos, pais, amigos e comunidade fortalece a generatividade, oferecendo suporte afetivo e social. Para Papalia e Olds (2000), vínculos sólidos e saudáveis nessa etapa ajudam a construir um envelhecimento mais positivo e equilibrado.

No Brasil, é comum que avós participem ativamente da educação e cuidados dos netos, muitas vezes ajudando financeiramente ou substituindo os pais quando necessário. Tornar-se avós é um marco psicossocial importante na meia-idade. Para muitos, é fonte de orgulho, alegria e sentido de continuidade familiar.

As famílias multigeracionais representam um importante espaço de apoio emocional, social e econômico. Elas reforçam vínculos afetivos, transmitem valores e ajudam no enfrentamento de dificuldades, ao mesmo tempo que exigem diálogo e adaptação entre gerações. Segundo Papalia, esses arranjos familiares

podem favorecer o bem-estar psicossocial, especialmente quando baseados em cooperação e respeito mútuo.

Os cuidados oferecidos a idosos doentes e com incapacidades no contexto da família podem ser definidos como ações de criação, manutenção e oferta de apoios materiais, instrumentais, afetivos, cognitivos, sociais e culturais por membros da família.

Além do convívio familiar, a intergeracionalidade pode ocorrer em diversos ambientes, como no trabalho, na escola ou em grupos sociais, e envolve a troca de conhecimentos, valores e afeto, superando preconceitos de idade, e que interferem diretamente na saúde da pessoa idosa.

O aumento da longevidade das populações é um sinal inequívoco do progresso da cultura, mas exigirá cada vez mais recursos para prevenção e reabilitação. As políticas sociais precisarão solucionar problemas relacionados com a exclusão, a vulnerabilidade, a pobreza e o desemprego de cidadãos de todas as idades.

Diante disso, o objetivo deste estudo visa conhecer como as relações intergeracionais interferem na saúde da pessoa idosa, os objetivos específicos do trabalho serão analisar a literatura disponível em forma de artigos científicos e compreender o conceito de intergeracionalidade.

A justificativa do tema é relevante para comunidade acadêmica e especificamente aos profissionais de psicologia que desejam se aprofundar em questões de relacionamentos entre as diversas gerações com intuito principal de ajudar psicologicamente eventuais casos de tratamentos que por ventura tenham suas origens e causas relacionadas a intergeracionalidade e na promoção da saúde do idoso uma vez que apresentará práticas de autocuidado e equilíbrio.

2 – ENVELHECIMENTO HUMANO E SAÚDE DA PESSOA IDOSA

A longevidade é sem dúvida o alvo da maioria da população brasileira, de acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2006), a expectativa é que em 2050 existam mais idosos que crianças abaixo de 15 anos algo inédito, no entanto o envelhecimento pode ser compreendido como um processo natural, de diminuição progressiva da reserva funcional dos indivíduos e algo inevitável em qualquer cenário esperado.

A seguir serão explorados os conceitos das três dimensões do envelhecimento, sendo o envelhecimento biológico, psicológico e social que estão interconectadas entre si e possuem características específicas.

2.1 - Envelhecimento biológico, psicológico e social

Primeiramente o envelhecimento biológico refere-se às mudanças físicas e fisiológicas no corpo, de acordo com Teixeira e Guariento (2010), o envelhecimento biológico é um processo que se inicia no nascimento e continua até que ocorra a morte, a senescência é o período de mudanças em que ocorrem os efeitos deletérios no organismo, é um fenótipo da biologia que se manifesta em todos os órgãos e tecidos humanos.

Segundo Moraes et al. (2010), o envelhecimento biológico é implacável, ativo e irreversível, capaz de causar vulnerabilidades e transformações no organismo, diminui a capacidade funcional, estas deficiências vão discretamente se manifestando durante a vida do indivíduo.

Por fim, para (Schoneich, 1999), entende que o envelhecimento biológico é um processo complexo caracterizado por mecanismos de mudanças moleculares e fisiológicas relacionadas à idade, além disso, abrange outros parâmetros como taxa metabólica, gestão calórica, genética, estilo de vida e até mesmo fatores ambientais.

Outro tipo de envelhecimento denominado envelhecimento psicológico refere-se as mudanças de cognição, emoções e personalidade, de acordo com Moraes et al. (2010), o envelhecimento psicológico tem relação com o esforço pessoal contínuo, busca de autoconhecimento, sentido da vida e possibilitando a redução da vulnerabilidade na fase mais avançada da vida.

De acordo com Wienclaw (2021), o envelhecimento psicológico envolve desafios emocionais, dificuldade de aceitar a mortalidade, depressões, declínios nas habilidades cognitivas, problemas com a memória, percepção e até raciocínio, para retardar este processo recomenda-se a prática de exercícios, leituras e outras atividades mentais, educação todos estes auxiliam na mitigação do envelhecimento.

Para alguns indivíduos o conceito de idade psicológica tem relação com o senso subjetivo de idade, segundo Neri (2005), depende de como cada pessoa

avalia a presença ou a ausência de marcadores biológicos, sociais e psicológicos do envelhecimento com outras pessoas de sua idade, em outras palavras seria como se a idade e o envelhecimento psicológico estivessem nas atitudes mentais de cada ser humano e que o comportamento fosse o norteador da juventude e da velhice.

Há ainda o envelhecimento social, este caracteriza-se pela mudança de papéis sociais, expectativas, mudanças de cultura e valores, de acordo com Wienclaw (2021), o envelhecimento social tem uma forte ligação com o rompimento e desengajamento dos vínculos do indivíduo com a sociedade, ou seja, diminuição das interações sociais e transferência de papéis na sociedade para gerações mais jovens.

Segundo Fernandes (2001), o envelhecimento social é um processo de desvalorização econômica do saber e da experiência dos indivíduos após os 50 anos, o mercado de trabalho é um dos fatores que aceleram este envelhecimento, é comum que após esta idade mesmo ainda com a atividade e cognição em excelente estados que a busca por um emprego ou interação social fique dificultada dando prioridade as novas gerações, estas atitudes fazem com que o profissional excluído do mercado de trabalho envelheça socialmente.

Para Machado (2025), o envelhecimento social é a ausência de relacionamentos interpessoais ou a impossibilidade de estabelecer relações com outros seres humanos, falta de assunto com os mais jovens, distanciamento social e perda de autoridade e dependência são características do envelhecimento.

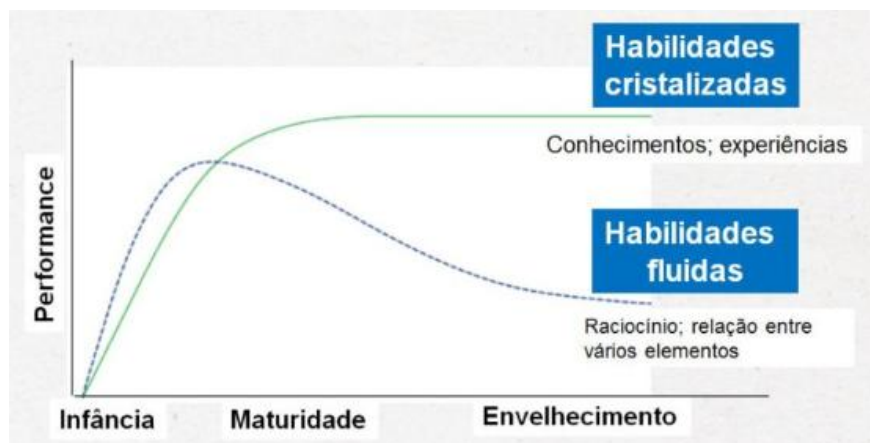
Para alguns autores como Fernandes (2019), existem outros modos de envelhecimento como por exemplo o cognitivo e cronológico (ver Figura 1), no entanto a grande maioria considera o biológico, psicológico e social como os principais e necessários para explicarmos o processo de envelhecimento de modo geral.

Figura 1: Modos de envelhecimento

Fonte: FERNANDES, Susana C. F. (2019).

Na figura 1 está demonstrada uma abordagem unificada de conhecimentos fundamentais para a caracterização do envelhecimento que identifica intersecção do modo cronológico com o biológico e do cognitivo tanto com o psicológico quanto com o biológico, além de demonstrar que o social é uma derivação do psicológico, o que justifica as ausências de cronológico e cognitivo uma vez que estão inseridos em outras modalidades.

Quanto a cognição ao longo da vida de acordo com Craig e Bialvstock (2006), o padrão de desenvolvimento e declínio das habilidades cognitivas depende da perspectiva de observação adotada e está representado (ver Figura 2) por características de performance ao longo dos anos.

Figura 2: Cognição ao longo da vida

Fonte: Craig e Bialvstock, (2006)

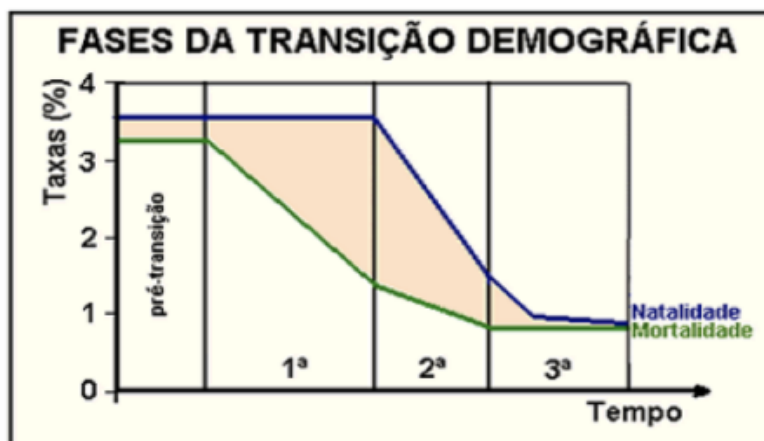
A figura 2 demonstra a perda de cognição nas fases da infância, maturidade e envelhecimento, estas habilidades podem estar ligadas aos conhecimentos através de experiências vividas, ou de raciocínio que estabelece relação com diversos outros elementos.

A seguir serão explanadas as questões demográficas e epidemiológicas do envelhecimento bem como a saúde da pessoa idosa.

2.2 - Demografia e saúde do idoso

A transição demográfica é o modelo que descreve a mudança nas taxas de natalidade e mortalidade de uma população ao longo do tempo, para entendermos um pouco mais sobre demografia é fundamental entender as fases de transição demográfica, de acordo com Lima e Konrad (2020), o desenvolvimento econômico e o processo de modernização das sociedades influenciam na dinâmica dos quantitativos demográficos de uma população (ver Figura 3).

Figura 3: Fases da transição demográfica



Fonte: Núcleo de Estudos Populacionais da Universidade de Brasília (2020)

Conforme a figura 3, as fases da transição demográfica podem ser percebidas em quatro momentos no tempo: pré-transição, 1ª fase da transição, 2ª fase da transição e, finalmente, 3ª fase da transição demográfica sendo a linha azul a taxa de natalidade e a verde a taxa de mortalidade.

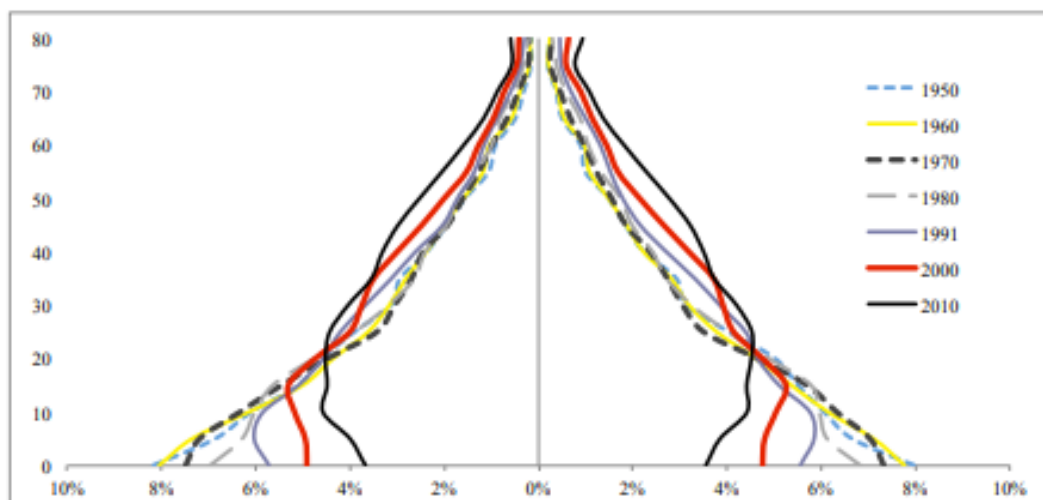
Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2005), o número de pessoas com 60 anos ou mais está crescendo mais rapidamente do que o de qualquer outra faixa etária em todo o mundo. O aumento do número de anos é decorrente da redução nas taxas de fertilidade e do acréscimo da longevidade nas últimas décadas, observam-se quedas abruptas nas taxas de fertilidade. Além disso, estima-se que, até 2025, 120 países terão alcançado taxas de fertilidade total abaixo do nível de reposição (média de fertilidade de 2,1 crianças por mulher).

No Brasil, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2022), o total de pessoas com 65 anos ou mais no país (22.169.101) chegou a 10,9% da população, com alta de 57,4% frente a 2010, quando esse contingente era de 14.081.477, ou 7,4% da população. É o que revelam os resultados do universo da população do Brasil desagregada por idade e sexo, do Censo Demográfico 2022. Esta segunda apuração do Censo mostra uma população de 203.080.756 habitantes, com 18.244 pessoas a mais do que na primeira apuração.

Ainda de acordo com IBGE (2022), o índice de envelhecimento é calculado pela razão entre o grupo de idosos de 65 anos ou mais de idade em relação à população de 0 a 14 anos. Portanto, quanto maior o valor do indicador, mais envelhecida é a população. No Brasil, esse índice chegou a 55,2 em 2022, indicando que há 55,2 idosos para cada 100 crianças de 0 a 14 anos. Em 2010, o índice de envelhecimento era menor, correspondendo a 30,7.

Por último, no Brasil de acordo com o IBGE (2022), de 1950 a 2010, o país caracteriza-se por uma pirâmide etária onde a população mais jovem e a mais envelhecida apresentam menores índices (ver Figura 4),

Figura 4: Pirâmides etárias brasileiras. Brasil, 1950-2010.



Fonte: IBGE: Censos demográficos. (2010)

Na figura 4 nota-se que os recém-nascidos, em 1950, representavam cerca de 8% da população e, atualmente, representam menos de 4%, evidenciando uma redução pela metade no percentual, as consequências disso são o aumento da população ativa com idade para trabalhar.

Idosos em geral estão mais susceptíveis as enfermidades, de acordo com o Ministério da Saúde (Brasil, 2023), a população idosa é caracterizado por três tipos de doenças, crônicas, agudas e agravamento de condições crônicas, lidam com riscos e enfermidades duradouras, no entanto nem sempre é um fator impeditivo para participação social e atividades diárias.

Considera-se idosa a pessoa com mais de 60 anos de idade, segundo dados do IBGE (2022), no Brasil a população idosa vem aumentando de forma acelerada (mais de 30,2 milhões), que representa 14,6% da população, índices que se mantido a aceleração irão ultrapassar os 35% em 2070, o que pode ser considerada uma grande conquista da humanidade, pois o processo de envelhecimento está proporcionando o aumento da longevidade.

Segundo o Ministério da Saúde (Brasil, 2023), a senilidade compreende as doenças associadas ao processo de envelhecimento, acontecem com maiores intensidades e comprometem aos poucos a capacidade funcional do indivíduo, as mais conhecidas são doenças cardiovasculares, acidente vascular encefálico e demências especialmente o Alzheimer.

2.3 Envelhecimento saudável

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015), o conceito de envelhecimento saudável baseia-se no processo de desenvolvimento individual, ao longo dos anos e na capacidade com que o indivíduo é capaz de manter sua capacidade funcional ativa, ou seja, mesmo em idades avançadas há uma sensação de bem-estar e qualidade de vida.

Práticas de alimentação saudável além de comportamentos inerentes ao estilo de vida são fundamentais para garantir um envelhecimento saudável, de acordo com Tavares et al. (2017), estes comportamentos e hábitos saudáveis auxiliam no controle das doenças crônicas e de maiores índices de mortalidade, a prática destes hábitos contribui para o desenvolvimento da autorresponsabilidade.

Alguns fatores como o relacionamento social com membros da família são fundamentais para determinar um envelhecimento saudável, segundo Mantovani et al. (2016), o relacionamento social seja com parceiros ou amigos são aspectos essenciais para o bem-estar dos idosos, da mesma forma o convívio com a comunidade, serviços de saúde, trabalhos voluntários auxiliam a manter o corpo e a mente em equilíbrio.

Os autores ainda ressaltam que envelhecer saudável é melhor que ter saúde, ou seja, é um misto de felicidade e bem-estar psicológico, equilibra capacidade funcional e função cognitiva além de permitir uma dinâmica afetiva satisfatório com familiares e amigos de forma equilibrada.

Também conhecido como envelhecimento ativo, o sentido da promoção da saúde é comportamental e compreende:

[...] o desenvolvimento de ações que orientem os idosos e os indivíduos em processo de envelhecimento quanto à importância da melhoria constante de suas habilidades funcionais, mediante a adoção precoce de hábitos saudáveis de vida e a eliminação de comportamentos nocivos à saúde. (GORDILHO et al. 2000, p.27).

Dito isto, e com a prerrogativa que as relações entre familiares e hábitos de uma vida saudável fazem parte do envelhecimento ativo e saudável é correto

vinculá-las também as relações intergeracionais, tema principal desta monografia, desta forma no próximo capítulo serão explanados conceitos de intergeracionalidades, seguidos de tipos de relações e teorias sociológicas e psicológicas relacionadas com o assunto.

3 – METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, que visa apresentar cenários da intergeracionalidade, além de apresentar subsídios de informação que possam ser úteis para a transformação da realidade da convivência entre gerações.

Os resultados coletados por pesquisa bibliográfica a partir de fontes secundárias, utilizando-se o Google Scholar, Scielo Analytics, como plataforma de pesquisa para artigos científicos dentre outros materiais. Foram pesquisados ao todo 69 artigos científicos e sites de instituição adequada à abordagem deste trabalho, dos quais 16 foram excluídos por não serem relevantes ao tema. Após a seleção dos artigos, foi realizada a leitura dos resumos.

Como critérios de inclusão tem-se artigos publicados em português, inglês e espanhol, os conteúdos pesquisados encontram-se dentro do contexto desta temática e a análise dos resultados será direcionada ao objeto de estudo, de forma que se alcance os objetivos propostos.

4 – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Com a aceleração das mudanças tecnológicas e socioculturais as gerações têm se distanciado à medida que os valores e costumes da humanidade de décadas passadas tem-se alterado quase que completamente, de acordo com Ministério da Saúde (Brasil, 2006), com o aumento da expectativa de vida e o envelhecimento da população brasileira tem se tornado desafiador as relações intergeracionais.

Pela ótica da população idosa de acordo com Harper (2014), é esperado que exista uma tensão estabelecida pela classe mais jovem no intuito de

desvincular-se de costumes e modos que as gerações mais experientes teriam dificuldades em sobrepô-las, da mesma forma à medida que a tecnologia evolui a passos largos a juventude atua de forma adaptativa para alterar os padrões de comunicação e trazê-los a uma realidade completamente nova.

Baseado nestes desafios de convivência e relacionamento entre gerações serão explanados a seguir definições de intergeracionalidade, históricos e tipos de relações principalmente da ótica da pessoa idosa.

4.1 Definições e tipos de relações

Segundo Bengston e Kuypers (1971), a relação entre distintas gerações (intergeracionalidade) é estabelecida inicialmente pela família, por meio de apoio emocional, dos pais para com os filhos, dos netos com os avós. De acordo com a teoria da solidariedade, as relações intergeracionais variam em níveis de solidariedade afetiva, ou seja, em uma cadeia de sentimentos positivos entre pais e filhos.

O contato intergeracional promove a renovação dos mais velhos, de acordo com Leite e França (2016), a necessidade de acompanharem a evolução tecnológica e os chamados mundos virtuais tanto para interação quanto para comunicação obriga indivíduos da maior idade a adaptar-se a uma realidade nunca antes vista ou num ritmo mais acelerado e invasivo que o normal.

De acordo com Lima (2008), o espaço familiar é fundamental para constituição e convivência das relações intergeracionais, é através dela que se transmite valores, presta apoio, exerce cuidado doméstico, educacional, econômico e psicossocial, é a base para um relacionamento de gerações com qualidade e respeito mútuo.

Ainda existem no âmbito familiar as motivações de cuidado dos idosos pais e avós pelo sentimento de afeto e responsabilidade, segundo Wegner e Benitez (2013), o cuidado informal é uma espécie de contrato intergeracional, pela reciprocidade e gratidão no qual os idosos que cuidaram de filhos e netos esperam retribuição nos dias da sua velhice.

Mas nem sempre estas relações são amistosas, algumas estão baseadas e comprometidas pelo conflito familiar, de acordo com Silva et al. (2015), problemas

no relacionamento com os filhos e os netos são comuns, diferenças de valores sociais e culturais são os principais motivos, entretanto é fundamental que haja flexibilidade, respeito mútuo e diálogo para assegurar o relacionamento harmonioso entre os idosos e seus familiares.

Num ambiente empresarial, o conceito de intergeracionalidade se refere à coexistência e colaboração entre diferentes gerações em um mesmo espaço de trabalho, de acordo com Murilo (2024), em ambientes corporativos as diversas gerações estão ativamente no mercado de trabalho o que torna ainda mais acentuada as diferenças de realidade e comportamento, moldadas por diferentes experiências históricas, econômicas e culturais.

Já no segmento educacional, de acordo com Gorman (1999), há uma solidariedade intergeracional, promovendo o desenvolvimento de todos os indivíduos envolvidos principalmente o do idoso, o que não impede que através da experiência e vivência em alguns assuntos o idoso possa acrescentar trocas construtivas e educativas para os mais jovens.

Neste contexto, segundo González-Celis e Jiménez (2005), a educação gerontológica contribui para a ciência do envelhecimento, melhora o grau de satisfação e promove a qualidade de vida do idoso, é um caminho eficiente para a integração social e enriquecimento cultural dos indivíduos.

4.2 Teorias sociológicas e psicológicas relacionadas

Algumas teorias sociológicas da intergeracionalidade são: Teoria da solidariedade familiar, Teoria da troca, Modelo da ambivalência intergeracional, Teoria da transmissão intergeracional, são baseadas em estruturas e normas sociais.

A primeira citada Teoria da solidariedade familiar se baseia em seis componentes que fortalecem ou enfraquecem laços familiares como afetiva, normativa, consensual, associacional, funcional e estrutural, de acordo com Bengston e Roberts (1991), pode ser descrita como um construto multidimensional com o passar dos anos consideram que uma nova dimensão denominada conflitual deveria ser acrescentada, por entenderem que tensões e divergências estão ativas nas relações familiares.

A definição da teoria segundo Braz (2013), dá-se pela interação entre pais e filhos, compõe-se de afeto e sentimentos compartilhados, grau de consenso e dissenso nas crenças e valores, além dos fatores estruturais que influenciam a interação entre as gerações.

Quanto a teoria da troca se baseia nas interações entre as diversas gerações, é uma troca mútua de recursos materiais ou imateriais, de acordo com França et al. (2010), as transmissões de ética e valores bem como a passagem de cultura e do patrimônio são importantes para formação das atitudes do adulto.

A Teoria da Ambivalência Intergeracional é um modelo que busca explicar a complexidade das relações familiares, segundo Luescher e Pillemer (1998), nem sempre as relações familiares são apenas de solidariedade e apoio mútuo, muitas vezes estão pautadas em aspectos positivos, negativos, contradições e tensões da vida familiar.

E por fim, a teoria da transmissão intergeracional refere-se ao processo de transmissão de crenças, comportamentos e conhecimentos entre gerações, que ocorrem através da interação entre pessoas de diferentes idades, segundo Lago et al. (2010), a transmissão intergeracional pode comportar aspectos negativos que entravam a construção da identidade e a liberdade do sujeito.

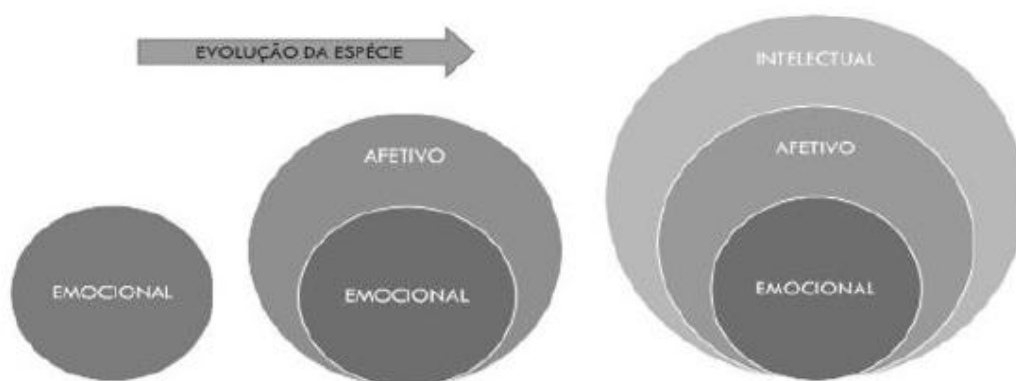
Já as teorias psicológicas afetam a saúde mental, o desenvolvimento e a dinâmica familiar, as mais comuns são a Teoria da transmissão psíquica, Teoria dos sistemas familiares de Bowen, Teoria do apego e Teoria psicossocial de Erikson, exploram como experiências, padrões de relacionamento e comportamentos se transmite entre as gerações.

A primeira Teoria da transmissão psíquica segundo Kaës (2001), pode ser definida como um campo de forças psíquicas inconscientes pertencentes ao grupo familiar que são transmitidas através das gerações pelo viés da negatividade: transmite-se o que está oculto, escondido e não elaborado, em outras palavras quer dizer que a transmissão do sofrimento familiar é transmitida aos familiares de forma brutal, favorecendo a perpetuação de segredos e traumas muitas vezes ligados ao luto.

Segundo Santos e Ghazzi (2012), a transmissão psíquica são negações transmitidas por vivências traumáticas, ou seja, é a passagem inconsciente de heranças emocionais aos seus descendentes, podem incluir traumas e segredos e afetam diretamente o comportamento e as atitudes das futuras gerações.

A Teoria dos sistemas familiares de Bowen pode ser definida como um sistema emocional interconectado, onde a dinâmica de um membro afeta todos os outros descendentes, de acordo com Bowen (1993), além do contexto familiar a evolução parte do funcionamento humano em seus sistemas afetivo, emocional e cognitivo (ver Figura 5).

Figura 5: Sistemas de funcionamento propostos por Bowen



Fonte: Kerr e Bowen (1988)

Na figura 6, observa-se que Bowen considera que os três sistemas se relacionam, o emocional mais no sentido biológico, o afetivo mais no sentido evolutivo e o intelectual e cognitivo no sentido de auto-observação e julgamento.

Outra teoria bastante elaborada é a Teoria do apego, criada por Bowlby (1989), é um tipo de vínculo social baseado no relacionamento complementar entre pais e filhos, tem estruturas cognitivas baseadas em experiências de vida da criança, nas suas interações com seus cuidadores.

Na psicologia segundo Menéndez (2025), são reconhecidos 4 (quatro) tipos de apego, seguro, ambivalente, evitativo e desorganizado (ver Figura 6).

Figura 6: Tipos de apego

APEGO	CARACTERÍSTICAS
Seguro	• Tendência a ter boas relações com demais • Boa autoestima • Busca apoio social
Ambivalente	• Desconfiar de estranhos • Receio em se aproximar de outras pessoas • Rupturas frequentes
Evitativo	• Pouca emoção nos relacionamentos românticos • Dificuldade em compartilhar pensamentos e sentimentos com demais • Problemas na intimidade
Desorganizado	• Dificuldade em formar relações e afetos significativos • Dificuldade em ver os demais sem distorções significativas • Comportamentos contraditórios

Fonte: Menéndez (2025)

Na figura 6, observa-se as características dos tipos de apego, com destaque para o ambivalente com rupturas frequentes e receio de se aproximar de outras pessoas e do apego seguro com tendência a ter boas relações e autoestima.

A última, Teoria psicossocial de Erikson trata-se do desenvolvimento de personalidade dividido em 8 (oito) estágios da vida (ver Figura 7), de acordo com Papalia (2006), cada estágio envolve uma crise de personalidade importante naquela fase da vida, as crises devem ser satisfatoriamente resolvidas para um saudável desenvolvimento do ego.

Figura 7: Estágios de desenvolvimento psicossocial de Erikson



Fonte: Miranda (2016)

Na figura 7, estão representados os estágios do desenvolvimento psicossocial, de acordo com Miranda (2016), a teoria de Erikson traz as virtudes de cada fase da vida respectivamente: impulso e esperança; autocontrole e força de vontade; orientação e objetivo; método e competência; devoção e fidelidade; associação e amor; produção e cuidado; renúncia e sabedoria.

4.3 Benefícios da intergeracionalidade

Para Teixeira (2008), famílias constituídas em redes de solidariedade intergeracional tendem a apresentar condições mais favoráveis e seguras para os idosos, vínculos afetivos, suporte financeiro, relações interpessoais são algumas das formas de atuação da família que contribuem significativamente com o bem-estar do idoso retardando o envelhecimento e incluindo a pessoa idosa em situações de atividade mental.

De acordo com Oliveira (2011), um dos benefícios da intergeracionalidade é justamente a segurança que as relações permitem no dia a dia do idoso, a qualidade dos vínculos afetivos, o cuidado efetivo, a contribuição e representação em papéis sociais acabam reforçando a integração intergeracional.

Outros benefícios da intergeracionalidade para idosos, segundo Pacheco et al. (2024), a convivência gera realização pessoal diminuindo a sensação de solidão, trazendo a sensação de utilidade e suporte para os mais jovens, recompõe a sensação de não ter vivido algo com os filhos, além de contribuir para ativação do indivíduo na sociedade através de programas sociais e participações em comunidades.

Apesar de combater o etarismo e reduzir o isolamento social a intergeracionalidade também traz desafios, os preconceitos geracionais, as diferenças tecnológicas, a falta de políticas públicas e a resistência das instituições são algumas delas, no próximo capítulo serão detalhadas as relações intergeracionais e quais impactos na saúde da pessoa idosa.

5 – RELAÇÕES INTERGERACIONAIS E SEUS IMPACTOS NA SAÚDE DA PESSOA IDOSA

As relações intergeracionais exercem um impacto significativo e complexo na saúde física e mental das pessoas idosas, de acordo com Ministério da Saúde (Brasil, 2006), são estas relações praticadas e exercitadas pela população que determinam um envelhecimento saudável ou ativo, na ausência ou supressão destas relações aumenta-se a vulnerabilidade do idoso, reduz o bem-estar e qualidade de vida e compromete as funções psicológicas e mentais na velhice.

Segundo Neuana e Sarmento (2024), a interação e comunicação com a comunidade, a família e os amigos são fortes aliados no combate a doenças como depressão, são consideradas redes de apoio reduzem o isolamento social, abandono e violação dos direitos do idoso.

Quanto ao apoio social de grupos religiosos, de acordo com Almeida e Maia (2010), é importante no acolhimento principalmente de idosos que lidam frequentemente com a exclusão familiar, oferecem apoio emocional e auxiliam a pessoa idosa a enfrentar as dificuldades do dia a dia.

São nestas fases de dependência emocional que as redes de apoio ajudam a prevenção de doenças como a depressão e ansiedade, segundo Erbil e Hazer (2022), as redes sociais têm impacto direto na promoção do bem-estar emocional, reduzem os sentimentos de solidão, alteram a percepção do comportamento e atuam no desenvolvimento de uma velhice ativa.

Um dos paradigmas que mais causam o afastamento entre as gerações e que dificultam a interação de idosos são os avanços tecnológicos, de acordo com Ramos (2013), com o avanço acelerado das tecnologias e mídias sociais há a perda da singularidade do contato humano e ameaça das relações familiares, isso porque a tendência das mídias sociais é afastar indivíduos que não possuem familiaridade com a forma rápida e intrusiva da comunicação, os conhecimentos são passados sem uma análise ou filtro, cabe aos familiares usar as mídias ao seu favor e aproximar da realidade das gerações mais antigas.

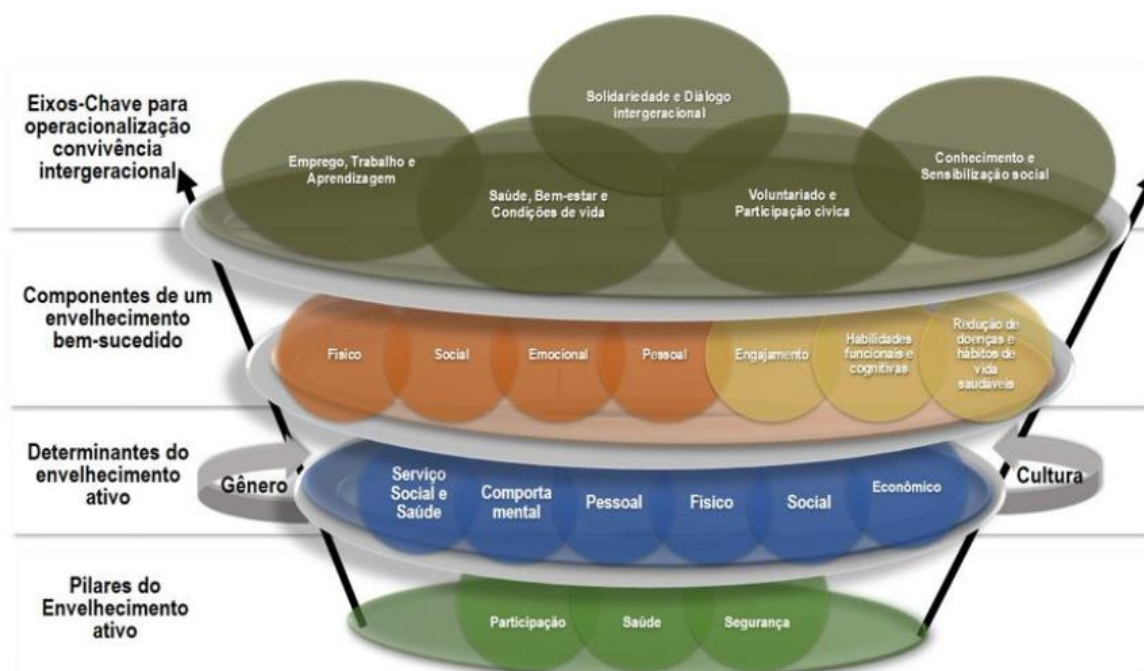
Dentre os diversos impactos positivos que a intergeracionalidade familiar e social propõem estão o bem-estar emocional, a saúde cognitiva, a criação de vínculos afetivos cada vez mais fortes e a troca de conhecimentos, esta última segundo Silva e Silva (2017), afetam funções cognitivas, destacando as funções cerebrais modificadas e os efeitos para a aprendizagem obtidos com as tecnologias.

Quanto aos impactos negativos destaca-se o isolamento social, desvalorização, conflitos e preconceitos além de estresse e sobrecarga este último causa esgotamento físico e mental tanto para idosos quanto para cuidadores o que prejudica ainda mais os relacionamentos intergeracionais, de acordo com Rabelo e Neri (2014), em algumas situações os indivíduos são resistentes e não aceitam trocas recíprocas, estes casos são comuns quando os cuidados são intensivos e não há condições de serem executados por membros da família necessitante de pessoas e profissionais da saúde sem intimidade com o idoso.

Na mesma linha de raciocínio Lang et al (2013), relata que os relacionamentos conflituosos exigem maior esforço pessoal para a sua manutenção, isso porque o não parente não possui vínculo emocional com o indivíduo o que afeta diretamente a reciprocidade e dificulta o cuidado.

Quanto as Políticas Brasileiras no que tange ao envelhecimento temos a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa (PNSPI), o Estatuto do Idoso e o Caderno de Atenção à Saúde do Idoso, além da adoção das políticas internacionais, todas elas buscam a preservação dos direitos do idoso e o envelhecimento saudável, nesta perspectiva de envelhecimento ativo, segundo Melo et al. (2020), estão associadas as mudanças ideológicas que não considerem essa fase da vida como sinônimo de perda, doença, inatividade ou algo contrário ao desenvolvimento humano (ver Figura 8).

Figura 8: Esquema representativo dos eixos das políticas (inter)nacionais do envelhecimento humano



Fonte: Melo et al. (2020)

Na figura 8, estão representados os pilares da Política de Envelhecimento Ativo, sustentados pela participação, saúde e segurança, estes três são a base de sustentação para os eixos do envelhecimento ativo pautados pela cultura e gênero, que por sua vez sustentam os componentes do envelhecimento sendo itens físicos, sociais, emocionais entre outros e por fim a intergeracionalidade operacional composta por solidariedade, trabalho, aprendizagem e sensibilização social necessárias para o bem estar e saúde do idoso.

6 – ANÁLISES E DISCUSSÕES

Tendo em vista os materiais apresentados, as definições, conceitos, teorias e práticas de cuidados com a saúde da pessoa idosa, é factível a argumentação de que o envelhecimento é inevitável, mas a maneira de envelhecer saudável e ativo é moldável, de acordo com a análise similar dos autores Mantovani et al. (2016) e Tavares et al. (2017), os comportamentos inerentes ao estilo de vida são fundamentais para garantir um envelhecimento saudável e são responsáveis por grande parte do envelhecimento ativo.

Conforme apresentado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2006), o envelhecimento humano avança significativamente em direção à longevidade,

demandando políticas públicas que respondam às necessidades reais dessa população. Entre essas necessidades, a mobilidade destaca-se como um fator essencial para a promoção da saúde e para o envelhecimento ativo. A capacidade de se deslocar com autonomia permite que a pessoa idosa mantenha vínculos sociais, participe de atividades comunitárias e tenha acesso aos serviços de saúde, fatores associados a melhor qualidade de vida.

Nesse cenário, a mobilidade torna-se também um elemento central para a promoção de relações intergeracionais, uma vez que o deslocamento seguro e acessível facilita a participação da pessoa idosa em atividades educativas, culturais e sociais que envolvem diferentes faixas etárias. Quando os idosos conseguem circular com autonomia ampliam as oportunidades de convivência e troca com outras gerações. No entanto, ainda é pouco difundida entre a população a importância desses cuidados e das consequências de sua ausência, o que reforça a necessidade de políticas urbanas, sociais e de saúde que garantam ambientes acessíveis, inclusivos e favoráveis ao encontro entre gerações.

Foi possível observar que as Teorias sociológicas e psicológicas relacionadas a intergeracionalidade possuem pontos baseadas em estruturas e normas sociais conhecidas, destaque para a teorias dos sistemas de Bowen que se fundamentam nas emoções de um membro com outros descendentes frisando os sistemas afetivos, cognitivos e emocionais, responsáveis na prevenção de doenças como depressão e ansiedade grandes causadoras de sofrimento e angústia.

Baseado nas discussões de Teixeira (2008) e Oliveira (2011) é possível que a intergeracionalidade aumente a qualidade dos vínculos afetivos, reforçando a integração intergeracional entre netos e avós com realidades completamente distintas e que estejam dispostas a construir uma rede de solidariedade e aprendizado mútuo.

Ao ramo da psicologia fica explícito que entender as relações da intergeracionalidade facilita entender as dificuldades encontradas pelos idosos em se relacionar com familiares e sociedade, principalmente aos que necessitam de apoio fora da rede familiar, conforme análise de Rabelo e Neri (2014), a falta de reciprocidade em casos de enfermidades que necessitam do cuidado específico e constante tem relação com a falta de intimidade das relações.

Em resumo, são diversos os pontos de atenção em relação a intergeracionalidade que precisam de aperfeiçoamento, é fundamental conforme análise de Ramos (2013), ainda há paradigmas a serem quebrados, como a questão da tecnologia e mídias sociais, desafios educacionais e inclusão social.

7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados demonstram que as relações intergeracionais são fundamentais para o envelhecimento ativo e saúde da pessoa idosa, a rede de apoio familiar e social são partes indispensáveis para moldar a relações e comportamentos de idosos aumentando a qualidade de pensamentos e atitudes retardando a aparição de enfermidades físicas e como depressão, ansiedade e Alzheimer bem como demências causadas por inatividade.

Observou-se que com o crescimento da expectativa de vida e a longevidade conquistada por anos de evolução em aspectos físicos e alimentares que um colapso futuro de abandono e perda da proximidade afetiva tende a acontecer caso políticas de intergeracionalidade não sejam fortemente difundidas na sociedade.

Sob a perspectiva da evolução tecnológica, foram apresentados os desafios que estão continuamente sob julgamento sobretudo dos mais jovens para com a população mais envelhecida e que as relações de netos e avós é um forte aliado a romper estes dogmas e converter desconfiança em educação e aprendizado mútuo com troca de experiências e transferência de valores.

A preocupação fica por conta justamente da diferença exacerbada de valores entre as gerações e da dificuldade de adaptação social que a população idosa enfrenta diariamente principalmente no tangente as relações com terceiros que não tem a intimidade do ambiente familiar.

Portanto, a intergeracionalidade é a relação entre pais, filhos, avós e sociedade, que em altos níveis de solidariedade determinam um envelhecimento saudável para faixa etária acima de 60 anos, trazendo integração de gerações e compartilhando princípios de vida e troca de valores.

8 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. K.; MAIA, E. M. C. Amizade, idoso e qualidade de vida: revisão bibliográfica. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/CHmpwPjYrsmwtsqzz6JkRRL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2025.

BENGSTON, V.; KUYPERS, J. Generational difference and the developmental stake. *International Journal of Aging and Human Development*, v. 2, p. 249–260, 1971. doi:10.2190/AG.2.4.b.

BENGSTON, V. L.; ROBERTS, R. E. L. Intergenerational solidarity in aging families: an example of forma theory construction. *Journal of Marriage and the Family*, v. 53, n. 4, p. 856-870, 1991.

BOWEN, M. Family therapy in clinical practice. 1993. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=4973568&pid=S1679-494X202000010000700002&lng=pt. Acesso em: 6 nov. 2025.

BOWLBY, J. Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. Trad. S. M. Barros. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRASIL. Ministério da Saúde. Caderno de Atenção Básica: Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de cuidados para a pessoa idosa: saúde da pessoa idosa. Brasília: Ministério da Saúde, 2023.

BRAZ, A. C. Habilidades sociais e solidariedade intergeracional no relacionamento entre pais idosos e filhos adultos. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/5989>. Acesso em: 2 out. 2025.

DE LIMA, A. V.; KONRAD, J. A transição demográfica no brasil e o impacto na previdência social. *Boletim Economia Empírica, [S. l.]*, v. 1, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/bee/article/view/4112>. Acesso em: 4 dez. 2025.

ERBIL, D. D.; HAZER, O. Examining the variables affecting the social networks of the elderly. 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360326426_Examining_the_Variables_Affecting_the_Social_Networks_of_the_Elderly. Acesso em: 10 nov. 2025.

ERIKSON, E. O ciclo de vida completo. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 70.

FERNANDES, A. A. Velhice, solidariedades familiares e política social. *Sociologia, Problemas e Práticas*, p. 39-50, 2001. Lisboa: CIES; Oeiras: Celta Editora.

FERNANDES, S. C. F. Design interior de veículo elétrico urbano: interfaces com o condutor sénior. 2019. Disponível em: <https://ria.ua.pt/handle/10773/28467>. Acesso em: 17 out. 2025.

FRANÇA, L. H. F. P. et al. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/55DRHDsYnS4CQ3SNKrLkYvQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 3 nov. 2025.

GORDILHO, A.; VERAS, R. P.; SERGIO, J.; SILVESTRE, J. Desafios a serem enfrentados no terceiro milênio pelo setor saúde na atenção integral ao idoso. 2000. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/279445960_Desafios_a_serem_enfrentados_no_terceiro_milenio_pelo_setor_saude_na_atencao_integral_ao_idoso. Acesso em: 26 out. 2025.

GORMAN, M. Development and the rights of older people. 1999. Disponível em: <https://www.sciepub.com/reference/284781>. Acesso em: 27 out. 2025.

HARPER, S. Implicações econômicas e sociais do envelhecimento das sociedades. 2014. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1254405>. Acesso em: 20 out. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

KAËS, R. O sujeito da herança. In: KAËS, R.; FAIMBERG, H. et al. (org.). *Transmissão da vida psíquica entre gerações*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 9-25.

LAGO, M. et al. A natureza do mal na transmissão intergeracional. 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000200015. Acesso em: 4 nov. 2025.

LANG, F. R.; WAGNER, J.; WRZUS, C.; NEYER, F. J. Personal effort in social relationships across adulthood. 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23586359/>. Acesso em: 14 nov. 2025.

LEITE, S. V.; FRANÇA, L. H. F. P. A importância da intergeracionalidade para o desenvolvimento de universitários mais velhos. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812016000300010. Acesso em: 27 set. 2025.

LIMA, Alexandre Vasconcelos; KONRAD, Júlio. A TRANSIÇÃO DEMOGRÁFICA NO BRASIL E O IMPACTO NA PREVIDÊNCIA SOCIAL. **Boletim Economia Empírica**, [S. l.], v. 1, n. 2, 2020.

LIMA, C. R. Programas intergeracionais: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Campinas: Alínea, 2008.

LUESCHER, K.; PILLEMER, K. Intergenerational ambivalence. *Journal of Marriage and Family*, v. 60, n. 2, p. 413-425, 1998.

MACHADO, L. Os aspectos do envelhecimento. 2025. Disponível em: <https://nuted.ufrgs.br/oa/ingeronto/resiliencia/AspectosdoEnvelhecimento.pdf>. Acesso em: 16 out. 2025.

MANTOVANI, E. P. et al. Associações entre significados de velhice e bem-estar subjetivo indicado por satisfação em idosos. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4038/403846391002.pdf>. Acesso em: 23 out. 2025.

MELO, L. D. et al. Concepções de idosos sobre as políticas (inter)nacionais do envelhecimento humano. 2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4979/497966365007/html/>. Acesso em: 18 nov. 2025.

MENÉNDEZ, M. Tipos de apego e suas consequências. 2025. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/tipos-de-apego-e-suas-consequencias-619.html>. Acesso em: 7 nov. 2025.

MIRANDA, M. Psicologia da vida adulta e velhice. 2016. Disponível em: <https://marianamiranda16.wordpress.com/2016/09/01/a-teoria-psicossocial-do-desenvolvimento-erik-erikson/>. Acesso em: 11 nov. 2025.

MORAES, E. N. et al. Características biológicas e psicológicas do envelhecimento. 2010. Disponível em: <https://www.rmmg.org/artigo/detalhes/384>. Acesso em: 11 out. 2025.

MURILO, M. Intergeracionalidade: o poder da colaboração entre gerações. 2024. Disponível em: <https://www.revistari.com.br/285/2253>. Acesso em: 26 out. 2025.

NERI, A. L. Palavras-chave em gerontologia. Campinas: Alínea, 2005.

NEUANA, H. O. E. L.; SARMENTO, H. B. M. A importância do apoio social para os idosos, incluindo o papel da família, amigos e comunidade e suas conexões com o serviço social. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/261594/PS%20Sarmiento.pdf>. Acesso em: 7 nov. 2025.

OLIVEIRA, C. Relações intergeracionais: um estudo na área de Lisboa. 2011. Dissertação (Mestrado) — Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.

OMS – Organização Mundial da Saúde. Relatório mundial de envelhecimento e saúde. Genebra: OMS, 2015. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMS-ENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>. Acesso em: 20 out. 2025.

PACHECO, S. C. C. et al. Os benefícios nos idosos de atividades intergeracionais: bilhete postal. 2024. Disponível em: <https://www.riagejournal.com/index.php/riage/article/view/250/247>. Acesso em: 12 nov. 2025.

PAPALIA, D.; OLDS, S. Desenvolvimento humano. Trad. D. Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PAPALIA, D. E. Desenvolvimento humano. 2006. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=3578398&pid=S1413-389X201100020001800027. Acesso em: 10 nov. 2025.

RABELO, D. F.; NERI, A. L. A complexidade emocional dos relacionamentos intergeracionais e a saúde mental dos idosos. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000100012. Acesso em: 27 set. 2025.

RAMOS, A. C. Morando com meus avós: as famílias conviventes na perspectiva das crianças. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/6140/614064827011.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2025.

SANTOS, V. O.; GHAZZI, M. S. A transmissão psíquica geracional. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZbdMbmJG6Jb89fDGW8RGkKF/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 5 nov. 2025.

SILVA, D. M. et al. Dinâmica das relações familiares intergeracionais na ótica de idosos residentes no Município de Jequié (Bahia), Brasil. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/pVLDgCD7L7R3sPTPjYkYq4r/?lang=pt>. Acesso em: 1 nov. 2025.

SILVA, T. O.; SILVA, L. T. Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862017000100009. Acesso em: 13 nov. 2025.

TAVARES, R. E. et al. Envelhecimento saudável na perspectiva de idosos: uma revisão integrativa. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/pSRcgwghsRTjc3MYdXDC9hF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 out. 2025.

TEIXEIRA, I. N. D. O. et al.; Biologia do envelhecimento: teorias, mecanismos e perspectivas. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9sQRcQ64fpC8rC3n3ZFJb6q/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 10 out. 2025.

TEIXEIRA, S. M. Família e as formas de proteção social primária aos idosos. 2008. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2393/1486>. Acesso em: 29 out. 2025.

WEGNER, E.; BENITEZ, L. B. O idoso no contexto familiar: a função de cuidado. 2013. Disponível em:

<https://seer.unisc.br/index.php/jovenspesquisadores/article/view/4089>. Acesso em: 30 out. 2025.

WIENCLAW, R. A. Envelhecer: o envelhecimento psicológico. 2021a. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/social-sciences-and-humanities/growing-old-psychological-aging>. Acesso em: 14 out. 2025.

WIENCLAW, R. A. Envelhecer: envelhecimento social. 2021b. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/social-sciences-and-humanities/growing-old-social-aging>. Acesso em: 14 out. 2025.